

Visão da semana: artificialismo

Enquanto não se inicia a reunião anual do Fundo Monetário Internacional, onde decisões importantes poderão ser tomadas, principalmente em relação aos países em desenvolvimento, o Brasil continua a examinar internamente as alternativas existentes para assumir com maior firmeza sua própria retomada. Ao longo da semana passada, alguns fatos importantes caracterizaram este processo, embora as conclusões a que possam levar não sejam necessariamente tão otimistas como o País deseja.

O orçamento da União para 1983 foi encaminhado ao Congresso, apresentando-se como um documento de difícil interpretação. Cifras vultosas, que chegam aos Cr\$ 10 trilhões, mas que pouco revelam sobre a destinação dos gastos, fontes de arrecadação e políticas de administração dos recursos. Ademais, enquanto não for realizada a consolidação orçamentária, qualquer avaliação continuará a ser problemática. Apenas um pequeno esforço foi anunciado neste sentido, ao transferir-se Cr\$ 1,3 trilhão do orçamento da União para o monetário.

Talvez o Brasil não conheça com exatidão a magnitude do déficit do setor público, falha esta por si só suficiente para gerar graves distorções a nível de planejamento econômico. Mas desconhecer igualmente o real nível de sua inflação constitui um agravamento dificilmente suportável por mais tempo. Os cálculos divulgados apontaram para uma queda do índice da inflação para 5,8% em agosto, com um acumulado de 97,7% nos últimos doze meses (contra 99,5% em julho) e de 65% para este ano. Todos sabem, no entanto, que grande parte dos preços computados se referem apenas à cidade do Rio de Janeiro, não traduzindo assim o verdadeiro comportamento da economia no plano nacional.

As conseqüências de uma falta de maior precisão nos cálculos deste gênero fazem com que parte da população pague por aumentos de preços com os quais não guarda qualquer relação, o que acabou por virar rotina inclusive. Um caso específico é dado pelo açúcar, pelo qual o consumidor paulista paga um preço que comporta subsídios à ineficiên-

cia da produção em outras regiões. Por seu lado, um produto como o café tem seu preço de garantia reajustado em bases insuficientes para assegurar aos produtores uma perspectiva razoável de rentabilidade.

Como se nota, impera um quadro de artificialismo acentuado no sistema de preços nacional, sendo que esta tendência é reforçada pela atuação governamental, dificultando uma análise realística das condições de que dispõe o Brasil para administrar sua economia. Neste contexto, não poderia ser outro o peso de nossa dívida externa, qual seja, esta tem o condão de determinar os rumos da economia, numa conjuntura internacional fortemente impregnada de incertezas.

Nesta mesma semana, o governo mexicano resolveu estatizar todo o sistema bancário local, controlar integralmente os mecanismos de câmbio, fato inédito na história deste país. Cuba revelou a necessidade de renegociar sua dívida externa, somando-se a um bloco crescente de países em graves dificuldades no cenário mundial.

A reunião anual do FMI passa, assim, a desempenhar um papel de suma importância neste contexto. Discute-se ainda a possibilidade de um aumento do capital do Fundo, as condições de seu fortalecimento, o que representaria certa tranquilidade para as nações em má situação. No entanto, o poder de oposição manifestado pelos Estados Unidos continua ameaçador e, ao que tudo indica, mesmo com um aumento das cotas, o referido órgão terá de recorrer ao mercado internacional de crédito para continuar a desempenhar seu papel de auxílio aos endividados. O Brasil situa-se em posição de expectativa, na medida em que a magnitude de sua dívida é preocupante, embora tenha sido bem administrada até agora, gerando certa confiança junto aos nossos credores. No entanto, parece mais do que nunca necessário definir claramente os parâmetros que entrarão no delicado jogo da renegociação, o que não tem sido feito até o momento e pode fazer com que a iniciativa deste processo acabe pertencendo aos banqueiros internacionais, o que é pouco desejável nas presentes circunstâncias.